

# Uma hermenêutica do ciclo do caranguejo

*Djalma Agripino de Melo Filho*

Médico epidemiologista. Pesquisador do Núcleo de Saúde Pública da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e assessor da Secretaria de Saúde da Prefeitura do Recife.

## A emergência da metáfora *homem-caranguejo*

O principal mérito de Josué de Castro talvez tenha sido o de revelar o fenômeno da fome para a humanidade, desnaturalizando-o e demonstrando que foram as relações sociais e econômicas, estabelecidas entre os homens, que o produziram e o mantêm. Em estilo autobiográfico, ele confessa que logo cedo entrou em contato com a fome nos alagados, nos mangues do Capibaribe e nos bairros miseráveis do Recife:

“Esta é que foi a minha Sorbonne: a lama dos mangues do Recife, fervilhando de caranguejos e povoada de seres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejo. Seres anfíbios – habitantes da terra e da água, meio homens e meio bichos. Alimentados na infância com caldo de caranguejo: este leite de lama. Seres humanos que se faziam assim irmãos de leite dos caranguejos. Que aprendiam a engatinhar e a andar com os caranguejos da lama, de se terem enlambuzado com o caldo grosso da lama dos mangues e de se terem impregnado do seu cheiro de terra podre e de maresia, nunca mais se podiam libertar desta crosta de lama que os tornava tão parecidos com os caranguejos, seus irmãos, com suas duras carapaças também enlambuzadas de lama” (CASTRO, 1967a, p. 12-13).

O excerto acima oferece substrato suficiente para dar início às reflexões sobre as relações dos homens (que vivem nos mangues) com os caranguejos. Segundo Pierre Guiraud (1960, p. 34-36), a criação de palavras ocorre por quatro mecanismos: onomatopéias, influência estrangeira, alterações morfológicas e mudanças de sentido. Embora não apareça, a expressão *homem-caranguejo* encontra-se implícita no texto em análise e constitui uma inovação, um excesso que transborda o texto, por isso dele é expulsa para ganhar “vida própria”.

Na perspectiva semântica, S. Ullmann (Apud GUIRAUD, 1960, p. 45-51) afirma que a inovação lingüística ocorre por: a) transferência de nome por semelhança de sentido; b) transferência de nome por contigüidade de sentido; c) transferência de sentido por semelhança do nome e d) transferência de sentido por contigüidade do nome. Não havendo, pois, semelhança ou contigüidade dos termos *homem* e *caranguejo*, o processo de inovação não se enquadra, portanto, nos itens “c” e “d”. Restam, pois, duas possibilidades.

A primeira se refere à transferência de nome por semelhança de sentido, que tem a metáfora como figura emblemática e pode ser de três tipos: substancial (semelhança de forma, de função ou de situação), sinestésica e afetiva. Antes de sua “expulsão”, como metáfora, a associação *homem* e *caranguejo* subsistiu no texto por força de alguns termos que criaram um liame entre homem e caranguejo: “[...] fervilhando de caranguejos e povoada de seres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo *como* caranguejo” ou “[...] nunca mais se podiam

libertar desta crosta de lama que os tornava tão *parecidos* com os caranguejos [...]”. Em outra passagem, Josué de Castro reforça essa semelhança:

“Cedo me dei conta deste estranho *mimetismo*: os homens se *assemelhando*, em tudo, aos caranguejos, arrastando-se, agachando-se *como* caranguejos para poderem sobreviver. Parados com os caranguejos na beira d’água ou caminhando para trás *como* caminham os caranguejos” (CASTRO, 1967a, p. 13. Os destaques não constam no original).

“Parecidos com”, “semelhantes a” e “como” constituem, entretanto, “presilhas lingüísticas” que, apesar de evocarem a metáfora, impedem a sua parturição, o seu nascimento. Neste caso, considerando-se “homem” e “caranguejo” como dois conjuntos, em que o primeiro – *homem* – seria representado pela letra A, e o segundo – *caranguejo* –, pela letra B, apareceria a relação  $A \equiv B$  (homem *semelhante* a caranguejo).

Em outro momento do texto, não se encontram as referidas “presilhas” e isso facilita a parturição, sem fórceps, da metáfora. Josué de Castro registrou a existência de uma interseção entre os homens (que vivem nos mangues) e os caranguejos, aqueles são “anfíbios, habitantes da terra e da água” e são “meio homens e meio bichos”. Avulta-se aí uma metáfora, substancial segundo a classificação de S. Ullmann. Considerando a convenção anteriormente adotada, agora a relação seria de interseção:  $A \cap B$  (*homem-caranguejo*).

A partir dessas digressões, pode-se concluir que durante a formação das expressões *homem caranguejo* ou *homem-caranguejo* houve transferência de nome por semelhança de sentido, daí o aparecimento da metáfora. Todavia, e sem muito esforço, pode-se levantar a hipótese de que também existiu transferência de nome por contigüidade de sentido, referida no item (b) da classificação de S. Ullmann.

Josué de Castro assinala que há uma convivência espacial dos homens (que vivem nos mangues) com os caranguejos, ou até mesmo uma relação causal entre ambos, sobressaindo-se uma relação de contigüidade. Quando ele afirma que a lama dos mangues do Recife é “povoada de seres humanos *feitos de carne de caranguejo*”, possivelmente está destacando a matéria (caranguejo) que forma o objeto (homem) ou

empregando a espécie (*homem-caranguejo*) pelo gênero (homem). Neste caso, a expressão *homem-caranguejo* carrega consigo uma sinédoque, pois há uma relação real de natureza quantitativa entre os conjuntos A (homem) e B (caranguejo):  $A \supset B$  ou  $B \subset A$  (o homem contém o caranguejo ou o caranguejo está contido no homem).

## Significado do *homem-caranguejo*

A apreensão do significado da metáfora *homem-caranguejo* pode ser feita a partir da diferença entre o homem-particular e o indivíduo. Marx distinguia, segundo Heller (1991), o homem-particular como pura existência e o indivíduo como o ser que desenvolve as forças da essência humana, integrada pelo trabalho, pela socialidade, pela consciência, pela universalidade e pela liberdade (MÁRKUS, 1974). Infelizmente, nas sociedades forjadas nas relações de subordinação e domínio, há obstáculos que limitam o desenvolvimento dessas potencialidades, aumentando o abismo entre o homem como ser particular e o homem como ser genérico, pois “o mundo tem oferecido à média dos particulares *poucas possibilidades* de ordenar sua vida sobre a base da individualidade” (HELLER, 1991, p. 65). Heller considera como indivíduo o homem que mantém uma relação consciente com a genericidade (1991, p. 55).

O homem-particular está para a vida cotidiana assim como o indivíduo está para a genericidade. O primeiro caso se relaciona com as “necessidades existenciais” e o segundo com as “necessidades propriamente humanas”.

Qual seria então o significado de *homem-caranguejo*? No âmbito sociológico ou mesmo filosófico, o *homem-caranguejo* encontra-se mergulhado na particularidade ou vida cotidiana, comprometido fundamentalmente com a conservação/reprodução de sua vida, não mantendo uma relação consciente com a genericidade. Nesse caso, não poderia ser considerado um indivíduo, pelo menos no sentido helleriano do termo.

Josué de Castro descreve a reprodução desse homem-particular no *Ciclo do caranguejo* que se desenvolve nos mangues do Recife:

“Se a terra foi feita para o homem com tudo para bem servi-lo, o mangue foi feito essencialmente para o caranguejo. Tudo aí é, ou está para ser

caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama misturada com urina, excremento e outros resíduos que a maré traz, quando ainda não é caranguejo vai ser. [...] São 200 mil indivíduos, 200 mil cidadãos feitos de carne de caranguejos. O que o organismo rejeita volta como detrito para a lama do mangue para virar caranguejo outra vez. Nesta aparente placidez do charco desenrola-se trágico e silencioso o ciclo do caranguejo. O ciclo da fome devorando os homens e os caranguejos todos atolados na lama” (CASTRO, 1967b, p. 28-29).

Nessa perversa “ecologia”, parece não haver possibilidade para o surgimento do indivíduo. Em vez de caminhar na direção da genericidade humana, os *homens-caranguejo* ficariam sempre retidos em sua miserável vida cotidiana:

“os habitantes dos mangues, depois de terem um dia saltado para dentro da vida, nesta lama pegajosa dos mangues, dificilmente conseguiriam sair do ciclo do caranguejo, a não ser saltando para a morte e, assim, se afundando para sempre dentro da lama. A impressão que eu tinha era que os habitantes dos mangues – homens e caranguejos nascidos à beira do rio –, à medida que iam crescendo, iam cada vez se atolando mais na lama” (CASTRO, 1967a, p. 13).

## O mangue revisitado: atualização e recriação da metáfora

Na década de 1990, vem à tona o resultado de duas novas leituras da obra de Josué de Castro. Uma delas, seguindo os passos do *homem-caranguejo*, lança um novo olhar sobre a cidade, descobre e cataloga uma nova espécie: o *homem-gabiru* (PORTELLA et alii, 1992). Com as mudanças ocorridas no espaço urbano, guiadas pela lógica capitalista, os mangues foram sendo aterrados. O homem do campo, expulso da terra pelo latifúndio, passa a integrar outra paisagem, troca o mocambo pela favela, levando sempre consigo a velha companheira: a fome.

Na verdade, a nova metáfora *homem-gabiru* constitui uma hipérbole da metáfora original *homem-caranguejo*, pois o mangue “transbordou”, “ganhou o asfalto” e, por isso, o “homem-caranguejo transmutou-se em homem-gabiru” (PORTELLA et alii, 1992, p. 19).

Uma das letras do compositor Chico Science reforça a existência da hipérbole:

Vi um aratu pra lá e pra cá  
Vi um caranguejo andando pro sul  
Saiu do mangue, virou gabiru  
Oh! Josué, eu nunca vi tamanha desgraça  
Quanto mais miséria tem mais urubu ameaça (SCIENCE, 1994a)

Se houve uma mudança “quantitativa” na passagem da metáfora original *homem-caranguejo* para a nova metáfora *homem-gabiru*, o mesmo não se verificou no âmbito qualitativo ambas as espécies constituem exemplos de homens particulares, vinculados à reprodução da vida cotidiana.

A segunda releitura de Josué de Castro ocorre no âmbito do Movimento Mangue. Quase 20 anos após a morte de Josué de Castro, o mangue é novamente visitado. Se há no mangue uma intensa atividade biológica, essa “energia” poderia ser captada pela cidade, para “sacudir” a mesmice na qual ela se encontrava atolada, além de proporcionar a cura para seus males. Com essa preocupação, surgiu no Recife, na década de 1990, um movimento artístico-musical – o Movimento Mangue ou o Manguebeat. Diz o “Manifesto caranguejos com cérebro I” (ZERO QUATRO, 1994) que o objetivo do movimento “era engendrar um ‘circuito energético’, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem-símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama”.

Já no título do Manifesto, registra-se uma inversão: de *homem-caranguejo* para *caranguejo-homem*. Vejam-se os passos dessa transformação. Inicialmente, o homem que vivia com os caranguejos no mangue mimetizou-se, assemelhando-se aos próprios caranguejos (metáfora); posteriormente os caranguejos passaram realmente a constituir a matéria que formava o homem (sinédoque). A exclusão social, hipertrofiando a parte (caranguejo), reforçou a sinédoque: os habitantes dos mangues foram des-humanizados e transformados em “caranguejos”. Se Josué de Castro vai até aqui, o ideário do Movimento Mangue continua a trans-formar. Esses “caranguejos” que foram esquecidos pelo modelo de desenvolvimento excludente, assinala o título do Manifesto,

têm cérebro. Um caso de personificação (transformação do caranguejo em homem) ou de re-humanização do que foi des-humanizado? A última opção parece mais plausível.

A re-humanização constitui uma ruptura com o “ciclo do caranguejo” e deveria vir com a ativação das “antenas” para captar as “vibrações” vindas do mangue (SCIENCE, 1994b).

De homem a caranguejo, de caranguejo a homem – homem-caranguejo-homem – síntese de duas dimensões: a) o homem-particular, vinculado à reprodução da vida cotidiana e identificado com a imagem do *caranguejo-com-as-patas-enterradas-na-lama* e b) o homem-genérico, relacionado à universalidade e identificado com o *caranguejo-com-as-antenas-para-o-alto*.

Embora a primeira dimensão apareça de forma mais explícita no *Ciclo do caranguejo*, em que o homem é reduzido à sua vida cotidiana, a segunda, entretanto, não é estranha à obra de Josué de Castro, aparecem ali e acolá vestígios de sua presença que serão aqui propositadamente ampliados.

Verifica-se no *Ciclo do caranguejo* que os homens, “caminhando para trás como caminham os caranguejos”, parecem estar condenados a “viver na lama”. Todavia, em sutis passagens de sua obra, Josué de Castro assinala a sintonia dos caranguejos (seres-que-vivem-na-lama) com o devir anunciado pelos aviões que cortavam o espaço e, em outra, o andar ladino (e não para trás) desses crustáceos.

Relatando o despertar do dia num dos bairros pobres do Recife, o médico e geógrafo recifense afirmava que a paisagem dos mocambos, após a saída de homens e mulheres para o trabalho, das crianças para brincar e pegar caranguejo, dos cegos e aleijados para mendigar, era uma paisagem morta, exceto quando passava um avião da Pan Air:

“O ruído vai crescendo, crescendo, treme com o ar, com os mocambos, com os caranguejos de olhinhos em pé, assustados, depois vai diminuindo, diminuindo, até se extinguir inteiramente. E um silêncio opressivo volta a abafar a cidade deserta dos mocambos” (CASTRO, 1957, p. 23. Os destaques não constam no original).

Em outro fragmento, o caranguejo não aparece andando para trás:

“João Paulo sentiu uma confusão na cabeça e um formigamento no corpo. Disparou na carreira. *Corria em ziguezague, como correm os caranguejos*, procurando descobrir de onde vinha mesmo o barulho da tempestade” (CASTRO, 1967c, p. 167. Os destaques não constam no original).

Os “olhinhos em pé” constituem um movimento de ruptura com a vida cotidiana, representam a possibilidade de saída da lama, uma abertura para a genericidade. Simbolicamente, é esse o movimento que o indivíduo, no sentido helleriano do termo, faz mediante a arte, a ciência, a filosofia, a moral, o amor para se elevar acima da particularidade.

O “ziguezague” é muito mais próprio da realidade do seu andar do que o “para trás”, vinculado a uma situação em que “as coisas estão indo mal”, segundo o imaginário popular. O primeiro movimento está em sintonia com a tradição chinesa, que denominava o caranguejo de *koel* (ladino, esperto), e com a tradição clássica, que o vincula à lua, pois “esses animais marcham como a lua, para a frente e para trás” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1992, p. 186-187).

## Do caos ao cosmos: a emancipação do caranguejo

A partir da obra de Josué de Castro, abraçando-se o ideário do Movimento Mangue, especialmente aquele contido nas letras de Chico Science, e remetendo-se à definição de indivíduo (o ser que mantém uma relação consciente com a universalidade), proposta pela filósofa Agnes Heller, passa-se a conceber doravante a possibilidade de o caranguejo vir a simbolizar esse indivíduo. Eis a metonímia: o símbolo pela coisa simbolizada!

Por um lado, o *caranguejo-com-as-patas-enterradas-na-lama* se remete, no plano simbólico, à vida cotidiana (particularidade) e se relaciona com o homem-particular que procura satisfazer as “necessidades existenciais” (habitação, alimentação, saneamento etc.); por outro lado, o *caranguejo-com-as-antenas-para-o-alto* se dirige à genericidade e, caso mantenha com ela uma relação consciente, transforma-se em indivíduo que também procura satisfazer as “necessidades propriamente humanas”, não vinculadas meramente à reprodução/conservação da vida (trabalho criativo, tempo livre superior ao necessário para a reprodução, arte, política, ciência, moral, filosofia, amor etc.).



O Recife foi parido pelo mangue, por isso constitui um de seus índices. Aprende-se com Peirce (1999, p. 74) que o índice “é um signo que de repente perderia seu caráter que o torna um signo se seu objeto fosse removido, mas que não perderia esse caráter se não houvesse interpretante”. Nesse caso, o que importa é a geomorfologia e não o recifense. Sendo improvável a remoção do mangue (objeto), o Recife continua sendo seu índice.

Todavia, a agregação de um símbolo (caranguejo) a esse índice depende do recifense, pois o símbolo “é um signo que perderia o caráter que o torna um signo se não houvesse um interpretante. Tal é o caso de qualquer elocução de discurso que significa aquilo que significa apenas por força de compreender-se que possui essa significação”.

Do ponto de vista filológico, assinala Leonardo Boff, símbolo/sim-bólico provém do grego *syμβάλλειν* ou *syμβάλλεσθαι*, que significa lançar (*bállein*) junto (*syn*), ou seja, “lançar as coisas de tal forma que elas permaneçam juntas”; paralelamente significa “re-unir as realidades, congregá-las a partir de diferentes pontos e fazer convergir diversas forças num único feixe” (Boff, 1998, p. 11).

O processo de simbolização que envolve a presente reflexão implica, pois, re-unir a tríade: Recife, mangue e caranguejo. Todavia, nesse percurso é necessário considerar um mito vinculado ao imaginário recifense ou pernambucano. Trata-se do “mito do caranguejo pernambucano”, em que se propaga a idéia de que o pernambucano diante de outro pernambucano, que começa a ser reconhecido ou valorizado nacional ou internacionalmente, comporta-se como caranguejo em caritó: quando um tenta subir, os outros puxam-no para baixo.

Nesse caso, o movimento não seria sim-bólico, mas dia-bólico que provém de *dia-bállein* e significa literalmente: “lançar coisas para longe, de forma desagregada e sem direção; jogar fora de qualquer jeito”. Ao contrário do sim-bólico, o dia-bólico “desconcerta, desune, separa e opõe” (BOFF, 1998, p. 12).

O Movimento Mangue fomenta o processo de simbolização, desconstruindo o “mito do caranguejo pernambucano”.

Na década de 1930, os homens, expulsos pela seca ou pelo latifúndio, passaram a viver na lama dos mangues e se transformaram em homens-caranguejo (metáfora ou sinédoque). Mais tarde, na década de 1990, ocorreram dois movimentos: os *homens-caranguejo* saem do

mangue, ganham o asfalto e viram *homens-gabiru* (hipérbole) e *caranguejos-com-cérebro* (personificação), com suas antenas, deixam a lama e saem em busca de “vibrações”.

A cidade não pára, a cidade só cresce  
O de cima sobe e o de baixo desce  
Eu vou fazer uma embolada, um samba, um maracatu  
Tudo bem envenenado, bom pra mim e bom pra tu  
Pra gente sair da lama e enfrentar os urubu (SCIENCE, 1994c)

O percurso é de emancipação: do particular ao universal, do caos ao cosmos, pois o caranguejo é um ser que vive na lama, mas também se encontra no céu, uma constelação formada por seis estrelas e localizada no hemisfério Norte, além de signo dos nascidos entre 22 de junho e 21 de julho, ocupando a quarta casa do zodíaco cujo regente é a Lua e o elemento é a água.

Segundo Peirce, um símbolo “é um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de idéias gerais que opera no sentido de fazer com que o Símbolo seja interpretado como se referindo àquele Objeto” (1999, p. 52), ou seja, o símbolo “está conectado a seu objeto por força da idéia da mente-que-usa-o-símbolo, sem a qual essa conexão não existiria” (Peirce, 1999, p. 73).

No plano simbólico, seria emancipador o caranguejo que fizesse o movimento da lama ao cosmos em que uma de suas patolas poderia alcançar uma das estrelas de sua própria constelação. Todavia, retornando-se à “coisa simbolizada”, ou seja, ao indivíduo, no sentido helleriano do termo, não é fácil o movimento, neste caso, de passagem da vida cotidiana para a genericidade/universalidade, principalmente nas sociedades contemporâneas em que a alienação contribui para aprofundar o abismo entre “o desenvolvimento humano-genérico e as possibilidades de desenvolvimento dos indivíduos humanos, entre a produção humano-genérica e a participação consciente do indivíduo nessa produção” (Heller, 1989, p. 38). A profundidade desse abismo é determinada social e historicamente, ou seja, varia com o tempo e com as classes. Somente em duas épocas esse abismo tornou-se mínimo: Atenas, nos séculos VI a.C. e V a.C., e Florença, nos séculos XIII e XIV d.C.

## Segundo Heller,

“tal abismo jamais foi inteiramente insuperável para o indivíduo isolado: em todas as épocas, sempre houve um número maior ou menor de pessoas que, com ajuda de seu talento, de sua situação, das grandes constelações históricas, conseguiu superá-lo. Mas, para a massa, para o grande número dos demais, subsistiu o abismo, quer quando era muito profundo, quer quando mais superficial” (1989, p. 38-39).

A luta para diminuir cada vez mais esse abismo pode ter como símbolo um caranguejo (indivíduo no sentido helleriano) que agarra com sua pata preênsil uma das estrelas de sua própria constelação, num movimento de saída do caos para o cosmos, pois, se os olhos são as “janelas da alma”, as estrelas são as “janelas do mundo”.

## Bibliografia

- BOFF, L. (1998). *O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade*. 8ª ed. Petrópolis, Vozes.
- CASTRO, J. de. (1957). “O despertar dos mocambos”. In: *Documentário do Nordeste*. São Paulo, Brasiliense.
- CASTRO, J. de. (1967a). “Prefácio um tanto gordo para um romance um tanto magro”. In: \_\_\_\_\_. *Homens e caranguejos* (romance). São Paulo, Brasiliense.
- CASTRO, J. de. (1967b). “De como o corpo e a alma de João Paulo se foram impregnando do suco dos caranguejos”. In: *Homens e caranguejos* (romance). São Paulo, Brasiliense.
- CASTRO, J. de. (1967c). “De como João Paulo, ouvindo a tempestade dos homens virou caranguejo”. In: \_\_\_\_\_. *Homens e caranguejos* (romance). São Paulo, Brasiliense.
- CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. (1992). *Dicionário de símbolos*. 6ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio.
- GUIRAUD, P. (1960). *La semántica*. México/Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, p. 34-36.
- HELLER, A. (1989). *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. (1991). *Sociología de la vida cotidiana*. Barcelona, Península.
- MÁRKUS, G. (1974). *Marxismo y antropología*. Barcelona, Grijalbo.

- PEIRCE, C. S. (1999). *Semiótica*. 3ª ed. São Paulo, Perspectiva.
- PORTELLA, T., AAMOT, D. PASSAVANTE, Z. (1992). *Homem-gabiru: catalogação de uma espécie*. São Paulo, Hucitec.
- SCIENCE, C. (1994a). “Da lama ao caos”. In: Chico SCIENCE & Nação Zumbi. *Da lama ao caos* (CD).
- \_\_\_\_\_. (1994b). “Antene-se”. In: Chico SCIENCE & Nação Zumbi. *Da lama ao caos* (CD).
- \_\_\_\_\_. (1994c). “A cidade”. In: Chico SCIENCE & Nação Zumbi. *Da lama ao caos* (CD).
- ZERO QUATRO, F. (1994). “Manifesto caranguejos com cérebro”. In: Chico SCIENCE & Nação Zumbi. *Da lama ao caos* (CD).